

BURKE, Peter. A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989). São Paulo, Ed. Universidade Estadual Paulista, 1991.

*Andréa Ermantina Reis**

O livro "A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)", escrito por Peter Burke se caracteriza por ser um ensaio de caráter pessoal.

Nessa obra, o autor se propõe a analisar e avaliar a obra da "Escola dos Annales" - nome empregado ou atribuído a um pequeno grupo de intelectuais que possuíam idéias mais ou menos comuns e fundaram a Revista dos Annales. Peter Burke relata a criação da revista, passando por três gerações cujos integrantes contribuíram de forma individual para o desenvolvimento do Annales.

A Revista dos Annales, editada pela primeira vez em 1929, na França, surgiu a partir de alguns anseios de dois grandes intelectuais da época que se conheceram em Estrasburgo: Lucien Febvre e Marc Bloch. Ambos se mostravam insatisfeitos com a forma com que muitos historiadores abordavam a história, ou seja, enfatizando a história política, reduzindo-a à "história dos vencedores" sem levar em conta a individualidade e a liberdade do homem e, ainda muitas vezes, escrita de forma linear e factual.

A Revista dos Annales foi fundada para contribuir com enriquecimento e a promoção de uma nova espécie de história. Além disso seus fundadores tinham por diretriz substituir a história tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema, uma história de todas as atividades humanas, contando com a colaboração de outras disciplinas tais como a Geografia, Sociologia, Psicologia, Antropologia, dentre outras, a fim de, por um novo ângulo, complementar essa nova forma de analisar e escrever a história, a História Nova.

O movimento dos Annales, assim " (...) se apresenta sob a forma de uma história que busca harmonizar uma organização cronológica a uma

* Aluna do 4º ano do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia e participante do Grupo PET/Filosofia.

temática"¹. Tendo como objetivo "(...) exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica"².

Além de Febvre e Bloch, a Revista dos Annales ainda contou com a colaboração de vários outros intelectuais, intelectuais esses que não necessariamente viveram no mesmo período que os "pais" do movimento, mas foram seus discípulos e trouxeram suas próprias contribuições ao movimento dos Annales durante várias gerações. Foram eles: Fernand Braudel, Georges Duby, Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie e, ainda Ernest Labrousse, Pierre Vilar, Maurice Agulhon e Michel Vovelle sendo esses últimos um grupo que trouxe inovações dentro do movimento apesar de não se inserirem propriamente no espírito dos Annales, já que eram compromissados com uma visão marxista da história. Ainda pode-se perceber nos integrantes desse movimento a característica de trazerem suas próprias tendências e influências de outros tantos autores.

A obra em apreço, divide o movimento dos Annales em três gerações.

A primeira geração, de Febvre e Bloch, foi a que deu origem ao movimento. Era um grupo ainda pequeno mas que tentava lutar contra a história tradicional, centrada no aspecto político e caracterizada enquanto uma história baseada nos fatos.

Febvre com suas obras, contribuiu tanto para a história sociocultural quanto para a história política, e introduziu em seus trabalhos uma geografia histórica, ou seja, tratava em seus trabalhos perfis de regiões que estavam ligados aos fatos ou países de seu estudo.

Bloch, por sua vez, já possuía um compromisso maior com a Sociologia, tendo sofrido grande influência de Émile Durkheim. Com suas obras contribuiu com a escolha de um período histórico para situar o problema, ou seja, já que tanto Febvre quanto Bloch além de buscarem a interdisciplinaridade na orientação de seus trabalhos, também só os escreviam a partir de uma história-problema. Outro aspecto abordado por Bloch em um de seus trabalhos e que muito contribuiu com o movimento foi a "psicologia religiosa", no qual se buscava compreender, através de discussões explícitas, como o povo acreditava nos milagres ou em "ilusões coletivas". O livro que originou tal discussão foi pioneiro para que hoje se designa a "História das

1. Peter Burke, *op. cit.* p. 13.

2. *ib.* p. 33.

Mentalidades". Outra grande contribuição de Bloch à partir de seus estudos foi a presença da "História Comparativa", na qual são feitas comparações entre países ou sociedades diferentes, de forma a permitir ao leitor constatar as diferenças. Outra característica de Bloch era ser um historiador econômico, embora também possuísse interesses pela psicologia.

Ambos, Febvre e Bloch, mais tarde passaram a se interessar pelo estudo de atitudes coletivas ou "psicologia histórica". Mais tarde, ambos, se deslocaram para Paris, sinal evidente de que o movimento crescia.

Na década de 30 nasce a base da história das mentalidades com a organização da Encyclopédie Française, bem como aparecem novos artigos e publicações que fazem dos Annales uma escola histórica "(...) em defesa de 'um novo tipo de história' associado aos Annales - postulando por pesquisa interdisciplinar, por uma história voltada para problemas, por uma história da sensibilidade (...) (p. 38.Febvre, 1953).³

No período da Segunda Guerra Mundial o desenvolvimento dos Annales é interrompido. Bloch morre em 1944 ao ser capturado pelos alemães. Febvre, então, continua a editar a revista e, no pós-guerra, cria uma organização na qual propiciará o desenvolvimento da história: VI Seção da École Pratique des Hautes Études. Nomeia para essa organização Fernand Braudel. Com a morte de Febvre, Fernand Braudel ocupa seu lugar, estabelecendo, assim, uma nova geração.

A segunda geração dos Annales é a que mais se aproxima de uma escola. Caracteriza-se por instituir novos métodos e novos conceitos.

Nessa fase Braudel já defendera sua tese "O Mediterrâneo", escrita em 1947, tendo como orientador Febvre, seu volume causa sensação no meio intelectual, com poucas críticas. Dentre elas a de que Braudel pouco escreveu sobre as mentalidades coletivas, pelo seu determinismo em relação a essa história. Já no que se refere aos elogios, Braudel foi reconhecido como um grande historiador que transformou as noções de tempo e espaço, nesse século.

Braudel não gostava de fronteiras: "desejava ver as coisas em sua inteireza, integrar o econômico, o social e o cultural na história total", (p. 56)⁴,

3. lb. p. 138

4. lb. p. 56

abordando em suas obras a geografia, tomando-se, pelos métodos usuais empregados em seus livros, um geo-historiador.

Veza ou outra em suas obras, Braudel apresentava um estudo de caso, utilizando-se de outras disciplinas para que o fizesse com grandeza.

Ainda na segunda geração, Braudel se utilizou, por poucas vezes, a estatística. Tal método quantitativo era empregado por seus colegas e discípulos, porém, Braudel permaneceu alheio a ele, bem como à história das mentalidades, sendo ambos (estatística e mentalidades) métodos que caracterizaram o movimento dos Annales.

A segunda geração não se concentrou apenas nos avanços de Braudel e seus estudos mas houve outras contribuições, por exemplo, a de Ernest Labrousse.

Labrousse possuía grandes influências em historiadores mais jovens e até orientava muitas teses, por isso, ocupava um lugar central nos Annales, porém pode-se dizer que foi marginalizado, de certa forma, por ser um marxista. Foi, ainda, através de Labrousse que o marxismo penetrou nos Annales, bem como, os métodos quantitativos, através de uma de suas obras que trata da história dos preços.

Inseridas na História Quantitativa, outras obras vieram ao encontro desse novo método, pela história da população - História Demográfica - além da já existente, a história dos preços.

Outro grande historiador que passou pelos Annales foi Emmanuel Le Roy Ladurie. Discípulo de Braudel, Le Roy Ladurie compartilhou com ele seu interesse pelo meio físico, o que o fez escrever uma história comparativa em uma de suas obras. Le Roy ainda rompe com tradições e "(...) ao da uma forma de organização cronológica no lugar de uma divisão em estrutura e conjuntura⁵. Combinava a História Quantitativa e econômica com uma história política, religiosa e psicológica.

A terceira geração se apresenta a partir de 1968. Braudel se aposenta e quem toma seu lugar é Jacques Le Goff.

Essa geração é marcada pela fragmentação, já que não houve

5. lb. p. 77

dominação do grupo por nenhum intelectual como no caso de Febvre e Braudel.

Foi a geração que inclui mulheres bem como foi a geração mais aberta às idéias vindas do exterior.

No que diz respeito aos avanços característicos dessa geração, pode-se perceber que, numa reação Braudel e ao seu determinismo em relação a historiografia, o interesse se desloca da base econômica para superestrutura.

Nessa fase muitos historiadores contribuíram para o desenvolvimento dos Annales, dentre eles Philippe Àries que escreve sobre a criança e, em seus últimos estudos, sobre a morte. Houve também o aparecimento da psico-história que se utilizava das idéias de psicólogos ou psiquiatras para explicar determinadas reações humanas.

Outro grande contribuidor para os Annales foi Georges Duby: Foi um historiador social e econômico da França Medieval, e mais tarde, se inclinou para história das mentalidades. Voltado para "(...) uma teoria social neomaxista preocupou-se com a história das ideologias, da reprodução cultural e do imaginário social, que procura combinar com a História das Mentalidades"⁶.

Le Goff foi um destacado contribuinte para a História das Mentalidades, sofisticando generalizações de Febvre e discutindo algumas concepções.

Michel Vovelle, especialista do século XVIII, tentava fundir a história das mentalidades coletivas à história das ideologias marxistas.

Pode-se perceber que nos últimos vinte anos, algumas mudanças foram sentidas nos Annales. Alguns membros do grupo transferiram-se da história socioeconômica para a sociocultural, outros redescobriram a história política e até mesmo a narrativa, numa reação contra à história quantitativa, o domínio da história estrutural e social.

Os intelectuais que se aproximaram de uma abordagem sociocultural ou antropológica contribuíram cada qual com suas obras, enfatizando seus estudos sob vários aspectos diferentes, foram eles: Goffman, Tumn, Bourdieu, De Certeau, Le Roy Ladurie, Le Goff, dentre outros.

6. lb. p. 86

No que se refere à política, pode-se salientar que, na verdade, não houve grande boicote a ela, apenas alguns autores enfatizaram outros aspectos da história que eram de sua especialidade. Na história dos Annales muito se viu de história política, nas obras dos mais variados autores, desde Bloch até Agulhon.

Maurie Agulhon foi um autor que aplicou em seu estudo, o conceito marxista do desenvolvimento da consciência política.

Ao se voltarem, assim, para história política, esse grupo reagiu contra Braudel e o determinismo econômico e marxista, de forma a agir em oposição à estrutura.

Já no que concerne ao renascimento da narrativa, pode-se afirmar que esse movimento foi desencadeado à partir da "(...) preocupação com a liberdade humana, juntamente com o interesse pela micro-história (...)"⁷.

Pode-se perceber que a terceira geração é uma fase de difícil "classificação" dada a variedade de idéias que a compõe. É contudo, uma fase rica que também contribui, assim, como as que o antecederam, para popularizar o movimento dos Annales na França, bem como em inúmeros outros países.

Ao fazer uma análise do movimento dos Annales de forma geral, Peter Burke classifica-o como de grande valor histórico, apesar de estar se "dissolvendo com o sucesso". Considera ser os Annales um "paradigma da ciência histórica", de "contribuição profunda, mas desigual".

"Nomear apenas as mais importantes contribuições da História dos Annales significa escrever uma lista por si só impressionante: história - problema, história comparativa, história psicológica, geo-história da longa duração, história serial, antropologia-histórica.

Da minha perspectiva, a mais importante contribuição do grupo Annales, incluindo-se as três gerações, foi expandir o campo da história por diversas áreas. "(...). Essa colaboração interdisciplinar manteve-se por mais de sessenta anos, um fenômeno sem precedentes na história das ciências sociais"⁸.

7. lb. p. 103

8. lb. p. 126